

A ARTE LITERÁRIA E DRAMÁTICA DEFLAGRANDO UM PROCESSO DE LEITURA.

Elmita Simonetti Pires (FAFIPA - Paranavaí - PR)

“Uma leitura bem levada nos salva de tudo, inclusive de nós mesmos.” (Daniel Pennac)

Estamos cientes de que a leitura é um dado cultural, o homem poderia viver sem ela e, durante séculos, foi isso mesmo que aconteceu. No entanto depois que os sons foram transformados em sinais gráficos, isto é, com o surgimento da escrita, a humanidade enriqueceu-se culturalmente e tornou-se cada vez mais importante para o homem saber ler para absorver o conhecimento guardado e transmiti-lo às novas gerações. E ler não implica apenas saber decifrar o código escrito, mas, a partir dele, descutindo-o, contestando-o ou aceitando-o construir um pensamento próprio.

Por isso, a importância de se buscar caminhos que priorizem métodos de leitura que viabilizem o ato de ler no sentido profundo do termo, que percebam a leitura como resultado da tensão entre o leitor e o texto, que valorizem o espaço de comunicação entre o escritor que elaborou, escreveu e teve impresso o seu pensamento, e o leitor, que se interessou e leu o texto.

E por que um projeto de leitura voltado especialmente para o texto literário? Por que ao pensar em leitura falamos de livros de ficção, isto é, livros que contam histórias?

Porque acreditamos que a leitura de ficção é a indicada quando se trata de atender as necessidades dos leitores iniciantes, devido ao interesse imediato que suscita. Falando diretamente à imaginação e à sensibilidade, o

texto literário, sem compromisso com a realidade, mas referindo-se continuamente a ela, pode por sua força criadora, levar à comunicação leitor-texto que caracteriza o ato de ler.

Outro aspecto relevante é que a literatura dá uma visão de conjunto. Ela atende a curiosidade das crianças e jovens em diversos campos, chegando a reunir muitas disciplinas que compõem o leque do aprendizado, sem nenhuma obrigação de ser didática. E ainda, como diz Laura Sandroni ao se referir à criança e ao livro:

No mundo maravilhoso da ficção, a criança encontra, além de diversão, alguns problemas psicológicos que a afligem resolvidos satisfatoriamente; percebe em cada narrativa formas de comportamento social que ela pode aprender e usar no processo de crescimento em que se encontra, informações sobre a vida das pessoas em lugares distantes, descobrindo dessa forma, que existem outros modos de vida diferentes do seu (Sandroni e Machado, 1986: 11).

Em pesquisa recente realizada na região Noroeste do Paraná, na cidade de Paranavaí (Pires, 2000), objetivando diagnosticar as bases atuais do ensino da literatura no contexto da escola pública do município, constatou-se que as afirmativas feitas pelos professores traduzem problemas de conceituação referentes à literatura e seu ensino. Percebeu-se a ausência de critérios, confusões conceituais, concepções distorcidas onde fica evidente a idéia de que para a maioria dos professores a literatura tem apenas função

utilitária, desconsiderando a sua função estético-formativa. Sob esse ângulo, para esses professores, ensinar literatura é essencialmente um pretexto para o repasse do conteúdo do programa, chegando-se inclusive a afirmativas do tipo: “*O texto literário serve de gancho para finalizar ou para introduzir os conteúdos*”.

Acredita-se ser esse um problema de grande parte dos professores que não tiveram formação literária e metodológica adequada em nível superior.

Caberia, a nosso ver, repensar literatura nas Universidades, e repensar não só a formação específica em literatura, mas, no desenvolvimento dessa formação, atentar, principalmente, para o fato de que boa parte desses acadêmicos será professor em nível de ensino fundamental, trabalhando com crianças a adolescentes.

Nessa pesquisa, que se mostrou bastante rica e reveladora, em contrapartida aos primeiros exemplos, encontra-se respostas dadas por alguns professores às mesmas questões: “*Ler uma história é extravasar sentimentos, é imaginar, viajar, criar, recriar, relacionar com a realidade do dia-a-dia*”, “*Lidar com o texto literário é trabalhar o emocional do leitor, saber de seus sonhos, suas fantasias, seus anseios e atender suas necessidades*”.

São alguns professores que têm a concepção de que o ideal da literatura é deleitar, entreter e educar. E como diz Lúcia Pimentel Góes: “**A literatura deve educar, instruir e distrair, sendo que a mais importante é a terceira. O prazer deve envolver tudo o mais**” (Góes, 1991:22).

Na sua concepção equivocada, a maioria dos professores age como um “credor apressado”, um “detentor do saber” que empresta com juros e tem pressa em cobrar os rendimentos. Não se dá conta que se não houver um

ensino que produza o prazer de provocação que o texto literário desencadeia, suprindo o desejo de evasão e desafio do leitor, a obra perde a sua função natural, deixa de ser literária e torna-se apenas didática.

Em seu ensaio sobre leitura Daniel Pennac afirma: **“A partir do momento em que o livro é dever, tudo contribui para afastar o jovem leitor da tarefa”** (Pennac, 1998). Pennac não propõe nenhuma fórmula mágica para transpor essas barreiras. Para ele, quem lida com literatura em sala de aula precisa estar às voltas com soluções criativas. Buscar um ensino de literatura voltado para a imaginação criadora e que, ao mesmo tempo, se distancie de um ensino como simples ócio.

A postura acadêmica do professor acaba não garantindo maior mobilidade à agilidade do aluno (tenha ele a idade que tiver). Assim, é importante que o professor tenha concepção de um ensino que perceba o aluno como uma pessoa inteira, com sua expressão, sua afetividade, suas percepções, sua crítica, sua criatividade. Essa postura que integra a educação ao espaço do mundo ajudará a criança e o jovem a construir sua própria visão do universo.

Na já referida pesquisa com alunos da 4^a série do fundamental, com pais e professores, após a investigação inicial do processo e nível de leitura, sondagem da realidade e expectativas dos alunos, foram iniciados os encontros com as duas turmas de alunos e os primeiros contatos com as histórias e constatou-se a seguinte realidade: crianças desmotivadas para a leitura (mas que gostavam que lhes contassem histórias), com dificuldade em efetuar oralmente um leitura expressiva, incapazes de se concentrar numa leitura silenciosa se o texto fosse um pouco maior e com quase nenhuma

habilidade crítica. Diante dessa realidade decidiu-se selecionar, juntamente com os alunos, algumas histórias da sua preferência para que as ouvissem e com elas efetassem leituras dramáticas, como meio lúdico de se divulgar a obra literária e como exercício de leitura expressiva, atividades que os motivassem para a fruição dos recursos expressivos e lúdicos das histórias.

As primeiras tentativas de leitura oral foram frustrantes para quem lia e um suplício para quem ouvia. Apenas alguns alunos liam razoavelmente, conseguindo imprimir certo ritmo à leitura. A maioria o fazia abaixo de qualquer nível de expectativa que se possa ter em relação a alunos de uma 4^a série. Sua leitura correspondia à do período imediatamente posterior ao processo de alfabetização, uma leitura de palavras, sem fluência, sem ritmo e entonação, uma leitura linear, superficial. Inicialmente pensou-se que o fato de os alunos não lerem bem em voz alta, se justificasse pela inibição, uma vez que esse tipo de leitura não é o mais freqüente, nem o mais importante para a escola. Porém, com o decorrer dos encontros percebeu-se que esses alunos liam baixo, com voz quase inaudível, não porque eram tímidos, mas porque realmente não sabiam ler um texto e serem compreendidos pelos colegas.

Questionou-se então como deveria ser a leitura silenciosa daqueles alunos. Qual seria o nível de compreensão da leitura silenciosa daqueles alunos? Que conhecimentos conseguiram obter em suas leituras nas diversas disciplinas? Alguns deles revelavam não haver vencido as etapas mais elementares da leitura; liam não apenas sem expressividade, mas atestavam ausência quase total das habilidades da leitura, escandindo as palavras aos arrancos e tropeços, trocando e saltando palavras, não percebendo a

pontuação, repetindo a mesma fala duas, três vezes, sem conseguir entender-lhe o conteúdo e sem transmiti-lo aos ouvintes. Alunos da 4^a série, considerados alfabetizados, mas sem condições de realizar uma leitura literária num nível mais avançado.

A partir dessa realidade decidiu-se então, durante vários encontros, desenvolver com esses alunos a leitura oral ou dramática, especialmente de textos dialogados em que as falas pudessem ser ditas com as mais variadas intenções. É um verdadeiro trabalho artesanal essa tentativa de recriar a fala espontânea que nos chega em forma trabalhada, mas na modalidade escrita, sempre buscando a inflexão adequada.

Após alguns encontros, essas leituras dramáticas acabaram se constituindo num trabalho prazeroso e enriquecedor. Com vários retornos ao texto, quase a totalidade das crianças conseguia recriar na leitura a fala espontânea e dar verdade à leitura. Alguns alunos perceberam que uma história pode dar margem a diferentes interpretações dependendo da entonação que lhe damos e descobriram o prazer de brincar com essas possibilidades.

Algumas indagações vieram, então, à mente a respeito do ensino e da prática da leitura oral ou dramática e do ensino da literatura na escola do fundamental. O que aconteceria se os professores, em especial os de língua materna, considerassem necessários o aprendizado e a valorização da leitura oral no duplo aspecto de recepção e produção? Como seriam as aulas se tirassem proveito, esses professores, do aspecto lúdico que esse tipo de leitura oferece? Se pensassem que um mesmo texto pode oferecer gradações quase infinitas de inflexões e intenções? Se tirassem proveito dos inúmeros ritmos,

timbres, intensidades, estados de espírito que um texto oferece? Que resultados alcançariam professores e alunos se unissem a arte literária e a dramática para deflagrar um processo de leitura?

O texto literário aliado a recursos da arte dramática, se bem explorados, podem tornar-se instrumento riquíssimo e agradável, lúdico mesmo, de iniciação das crianças e jovens na vivência da palavra com eficiência e até com arte.

O educador francês Philippe Meirieu, interessado em investigar mais profundamente a questão da arte e educação, realizou em 1992 uma pesquisa com crianças de 6 a 12 anos, habitantes da periferia da cidade de Lião. Meirieu, analisando as entrevistas com essas crianças ressalta que **“aqueelas habituadas a freqüentar salas de teatro, de cinema e a ouvir histórias demonstram maior facilidade de conceber um discurso narrativo, de criar histórias e de organizar e apresentar os acontecimentos da própria vida”** (Meirieu, 1993, p. 14).

Flávio Desgranges, educador, escritor e diretor teatral da USP, refere-se ao valor educacional da arte dramática nos seguintes termos:

Na tentativa de compreender a atitude proposta ao espectador teatral enquanto experiência educacional, podemos recorrer ao enfoque sutil presente na alegoria benjaminiana (Benjamin, 1993), que sugere que “o ouvinte de uma história - ao ouvi-la, compreendê-la em seus detalhes e empreender uma atitude interpretativa – choca os ovos da própria experiência, fazendo nascer deles o pensamento crítico” (Desgranges, 2003).

Partindo-se do exposto acima e do princípio que atividades de leitura e expressão desenvolvem a capacidade de observação, percepção e imaginação, aptidões consideradas fundamentais para que cada um descubra o mundo, a si próprio e a importância da arte na vida humana, elaborou-se um projeto de incentivo à leitura e estímulo para a arte-educação, com o objetivo de proporcionar aos acadêmicos do curso de Letras da FAFIPA – Faculdade Estadual de Paranavaí, um contato efetivo com a leitura da literatura e com a arte dramática. Este projeto desenvolveu-se no período de abril a novembro de 2006 e parte do pressuposto que o processo de trabalho com a arte dramática deflagra um processo de trabalho do leitor. A arte literária aliada a recursos da arte dramática reorganizando, redefinindo e realimentando o processo de ensino. E ainda, oportunizando o equilíbrio entre a liberdade de expressão da criança e do jovem e a necessidade de levá-los ao contexto cultural, através da informação sistematizada.

Um outro objetivo importante desse projeto é instrumentalizar e motivar os acadêmicos envolvidos, futuros profissionais da educação, para a importância da arte-educação na formação da personalidade da criança e do jovem. Quando crianças e jovens lêem expressivamente uma história ou dramatizam uma situação, transmitem com isso uma parte de si mesmos: nos mostram como sentem, como pensam e como vêem.

O projeto desenvolveu-se em três etapas. Na primeira etapa houve a promoção de um curso de capacitação para os acadêmicos envolvidos, oferecendo-lhes laboratórios de expressão; apoio teórico e embasamento que esclarecesse os

objetivos, os princípios e a importância da arte-educação. E ainda nesta etapa tiveram a oportunidade de conhecer, ler e comentar obras da Literatura infanto-juvenil.

Na segunda etapa foram formados grupos para efetuarem leitura, seleção e estudo do texto a ser encenado pelo grupo na etapa final. Este texto acabou sendo apresentado também em forma de leitura dramática para as turmas de Letras e Pedagogia da instituição.

Na etapa final, os grupos ensaiaram as peças teatrais no palco. O cenário, figurino e sonoplastia também foram concebidos e elaborados pelos grupos. Finalmente houve a divulgação e representação da peça para a comunidade acadêmica e alunos e professores do ensino fundamental do município e região.

Para ilustrar alguns resultados obtidos a partir deste projeto nada melhor que destacar alguns comentários de acadêmicos participantes: *“Foi em meio a um turbilhão de atividades acadêmicas que nosso grupo se esforçou para levar ao palco o espetáculo ‘Aurora da minha vida’. As dificuldades não nos tiraram a alegria de apresentar este espetáculo que, para nós, foi e sempre será marcante”*; *“O auditório encheu-se de risos! Foi maravilhoso ver aquelas crianças deliciando-se com o espetáculo. Destaco o momento em que elas tomaram o palco durante a canção ‘Bola de meia, bola de gud’. Foi o ápice da peça.”*; *“O resultado foi satisfatório. Levamos às crianças vários textos da nossa Literatura Infanto-juvenil, e foi nítida a aceitação por parte delas.”*; *“A receptividade superou as nossas expectativas. O interessante foi que nos tornamos crianças com elas no palco”*; *“As crianças se identificaram conosco diante de toda aquela caracterização que nos aproximava de seu mundo”*; *“Nós, como futuros professores, muitas vezes pensamos que o diploma e alguns livros no armário nos bastarão... Então entra em cena este projeto renovador e interessante, e aí*

percebemos que precisamos buscar meios inovadores de transmitir a sabedoria dos livros” ; “O teatro leva a magia ao ensino, enfatizando a magia já existente na literatura” ; “Tudo que absorvemos em termos de prática e técnica nesse projeto nos servirá na busca de soluções eficientes no nosso trabalho como professores” ; “Este projeto não foi apenas um acréscimo de horas ao nosso currículo, e nem um certificado a mais. Foi uma experiência gratificante que nos tornou mais sensíveis e abertos aos sentimentos e necessidades daqueles que nos cercam, especialmente os pequenos”.

Como vimos na experiência relatada, professores e alunos poderão ir descobrindo as variadas possibilidades dinâmicas e lúdicas para a formação de leitores. Poderão ir descobrindo as variadas possibilidades de combinações, de intenções, de inflexões, recriando, na leitura, a fala espontânea e real do dia-a-dia, apredendo a julgar e valorizar o trabalho dos profissionais da palavra, tornando-se, enfim, leitores eficientes de um texto escrito para que seja percebido em toda a sua riqueza.

Não se pode negar que, de modo geral, constata-se, em se tratando do ensino literário, uma realidade nada animadora. No entanto cremos ser possível melhorar essa realidade.

Para que se possa produzir uma eficaz leitura da obra literária, entre outros requisitos, é importante que haja professores leitores com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a literatura e, principalmente, que haja uma interação democrática e simétrica entre os alunos e o professor.

Assim, toda a atividade de literatura deve resultar num fazer transformador, numa leitura em que o aluno descobre sentidos, organiza seu universo interior e de valores e adquire uma postura crítica ante o mundo.

BLIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- DESGRANGES, Flávio. *A Pedagogia do Espectador*. São Paulo: Hucitec, 2003.
- GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à Literatura Infantil e Juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1991.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994.
- MEIRIEU, Philippe. Le théâtre et la construction de la personnalité de l'enfant de l'événement `a l'histoire. In: CRÉACH, M. *Les enjeux actuels du théâtre et ses rapports avec le public*. Lyon: CRDP, 1993.
- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Trad. por Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- PIRES, Elmita Simonetti. Literatura e Leitura: uma proposta metodológica para o ensino fundamental. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários. Londrina: Uel, 2000.
- REVERBEL, Olga. *Um caminho do Teatro na Escola*. São Paulo: Scipione, 1989.
- SANDRONI, Laura C. e Luiz Raul Machado (org). *A Criança e o Livro: guia prático de estímulo à leitura*. São Paulo: Ática, 1986.
- ZILBERMAN, Regina e Ezequiel Theodoro da Silva. *Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.